



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana
ANO 2019 Agosto Nº 323**

Geopolítica Amazônica: Programa Barão do Rio Branco

Artigo no Alerta Total – www.alertatotal.net
Por Maynard Marques de Santa Rosa

Formação geopolítica - A Bacia Amazônica é um sistema fisiográfico fechado e isolado do restante do continente, com características climáticas peculiares e vocação endógena. Tem o rio Amazonas como espinha dorsal de uma rede hidrográfica de 20 mil quilômetros, com dezenas de ecossistemas singulares que se integram harmonicamente no universo da hileia. Por sua magnitude, porém subpovoada e remota, Djalma Batista apelidou-a de “esfinge amazônica” e Armando Mendes a classificou como “mega latifúndio” político.

A atração gravitacional do Grande Rio favorece a centralização política da Bacia. A colonização portuguesa, iniciada em 1614, aproveitou essa vantagem para preservar-lhe a unidade. O Grão-Pará teve a sua formação independente do Brasil, até 15 de agosto de 1823, quando foi incorporado à soberania nacional.

Após a Independência, eclodiu a cabanagem, extravasando um ressentimento secular dos nativos contra a opressão e a exploração. A violência generalizada, entre 1835 e 1840, consumiu 20% da população total. Reprimida pela força, a cabanagem permanece latente no inconsciente coletivo.

A estrutura econômica evoluiu por surtos extrativistas. O ciclo das drogas do sertão alimentou o processo colonial. Na segunda metade do século XIX, a indústria automobilística em expansão ensejou o “boom” econômico da borracha, atraindo investimentos internacionais para as regiões metropolitanas. Esgotado o ciclo em 1914, a região ficou à deriva até a década de 1940, quando nova demanda da borracha foi induzida pelo esforço da 2ª Guerra Mundial. Nessa época, a Região sofreu o bloqueio da foz do Amazonas pela força de submarinos alemã, que causou apagões e racionamento em Manaus e Belém.

Durante os ciclos da borracha, ocorreu a migração em massa de nordestinos para os seringais de “hevea braziliensis”, povoando os afluentes da margem Sul. A Calha Norte, onde predomina a “hevea benthamiana”, de produtividade inferior, manteve-se intocada. O Norte do Pará tem área equivalente à da Itália, mas com uma população (ribeirinha) de Copacabana, sendo o vazio demográfico de maior risco geopolítico à soberania do Brasil.

Situação atual

Os índices regionais apontam subdesenvolvimento e dependência. Todos os estados amazônicos seriam inviáveis sem as transferências obrigatórias da União. 41,61% da população (16,468 milhões de pessoas) vive abaixo da linha de pobreza, mas cresce na proporção de 3,07 %, quase o dobro da taxa média nacional (1,8%). A renda-per-capita equivale a 56,7% da nacional, e o IDH (0,681) é inferior ao do país (0,699). A maior e mais rica região do Brasil em recursos naturais contribui com apenas 4,8% para o PIB nacional.

Os indicadores da Zona Franca de Manaus retratam estagnação, com tendência declinante: entre 2010 e 2018, sua contribuição para o PIB do Amazonas caiu de 25,92% para 23,41%. Os benefícios ficaram restritos à região metropolitana. O modelo esgotou-se.

O contexto estratégico é preocupante. Pressões ambientalistas e indigenistas de toda a ordem invalidam as políticas governamentais. No entorno, multiplicam-se os ilícitos transnacionais. A Venezuela tende à fragmentação da ordem interna. O Suriname e a Guiana enfrentam o problema da expansão chinesa.

Estratégias governamentais

As políticas governamentais para a Amazônia foram reativas e descontínuas, até a década de 1970. No contexto da 2ª Guerra Mundial, o governo Vargas criou os territórios federais de Guaporé (atual Rondônia), Rio Branco (atual Roraima) e Amapá. Durante a Constituinte de 1946, houve pressões em favor da internacionalização, contidas graças à liderança do deputado Arthur Bernardes. O Art. 199 da CF destinou 3% da arrecadação federal para o Plano de Valorização da Amazônia, por 20 anos, mas só foi regulamentado em 1953. A rodovia Belém-Brasília foi construída em 1959/1960, no governo Juscelino Kubitschek, como alternativa de acesso terrestre à Região.

O ciclo militar foi a época dos grandes projetos. Criou-se a Zona Franca de Manaus, com a finalidade de desenvolver a Amazônia Ocidental, e o Programa de Integração Nacional – PIN, objetivando implantar a infraestrutura econômica regional. Seus recursos permitiram construir as rodovias Transamazônica (BR-230), BR-319, 163 e 174 e iniciar a Perimetral Norte. A COMARA concretizou a rede de aeroportos estratégicos. Contudo, o PIN terminou incompleto, devido à crise do petróleo. Nos anos 1980, cessaram os investimentos.

Em 1988, a Região foi contemplada no Art. 159 da Constituição, que instituiu as Transferências Obrigatórias da União. Nessa conjuntura, construiu-se a BR-364 e foram transferidas a 16ª Bda Inf Sl para Tefé e a 2ª Bda Inf Sl para S. Gabriel da Cachoeira.

O Programa Amazônia Sustentável, lançado em 2008, não passou de um discurso ideológico de cooptação da população nativa, sem resultado prático.

Programa Barão do Rio Branco

Concebido para integrar a Calha Norte e fomentar o mercado regional da Bacia Amazônica, o programa Barão do Rio Branco homenageia a memória do grande diplomata que solucionou as questões do Amapá, do Acre e do Japurá. Consiste, basicamente, na implantação da ponte de Óbidos sobre o rio Amazonas e da hidrelétrica do rio Trombetas, em Cachoeira Porteira. Essas duas obras conjugadas têm potencial sinérgico para transformar Santarém em um entreposto estratégico, desenvolver o Baixo Amazonas e ensejar um fluxo comercial contínuo entre Manaus e Belém.

A ponte Barão do Rio Branco vai permitir a integração do Amapá, bem como a Calha Norte do Amazonas e o estado de Roraima ao sistema rodoferroviário nacional. E abrir a possibilidade de estender a BR-163 até a fronteira do Suriname. Após a ponte, o porto de Óbidos pode tornar-se um modal hidro-

rodo-ferroviário estratégico, por oferecer calado de 14 m no pico da vazante, permitindo a atracação de embarcações de 30 mil toneladas, o que vai contribuir para a redução do frete hidroviário.

A hidrelétrica do rio Trombetas vai aumentar a oferta regional de energia e estabilizar o balanço de carga, pelo aproveitamento da variação anual do regime de águas: quando a Calha Sul está na vazante, a Calha Norte está na cheia e vice-versa. A eletricidade vai viabilizar a industrialização do minério de alumina-alumínio, abundante em Oriximiná, Óbidos e nos demais municípios da Calha Norte.

Conclusão

Relegada a Bacia Amazônica por três décadas, esvaziou-se o interior, cresceu a favelização urbana e estagnou-se a economia. O Programa Barão do Rio Branco é um “cluster” geopolítico com potencial para impulsionar-lhe o mercado interno. Um mercado pujante e autônomo pode ser a solução para o problema do desenvolvimento regional.

**Maynard Marques de Santa Rosa, General de Exército na reserva, é
Secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.**



Entrevista com o Secretário Especial de Assuntos Estratégicos, Maynard Santa Rosa

À Revista Brasileira de Planejamento e Orçamento, o general Santa Rosa falou sobre sua visão acerca do papel do planejamento estratégico no Governo Federal e os desafios enfrentados pelo Brasil para conseguir construir um planejamento de longo prazo.

Publicado em 19/07/2019 às 12h14. Última modificação em 19/07/2019 às 16h27.



Qual sua visão sobre o papel do Planejamento Estratégico no âmbito do Governo Federal?

A visão de futuro no que diz respeito ao Planejamento Estratégico deve ser construída no Centro do Governo, considerando as tendências evolutivas da sociedade e os parâmetros escolhidos pela maioria na eleição do presidente. Não é mais viável uma centralização total, mas é possível a centralização no nível de diretriz estratégica. As diretrizes estratégicas precisam ser decompostas nos ministérios mediante um trabalho de articulação feito a partir da Presidência da República. As diretrizes precisam ser centralizadas e a execução descentralizada. Nesse sentido, a Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Conselho de Governo, criada pelo Decreto 9819/19, tende a exercer papel de relevo.

Estudando a história da administração pública brasileira, é muito difícil identificar um governo que tenha uma visão de longo prazo. Por exemplo, os chineses planejam 50 anos, os coreanos planejam 20 anos, por que no Brasil é tão difícil, em sua opinião, esse planejamento de mais longo prazo?

Nós brasileiros não temos uma visão de País de longo prazo. Nós somos extremamente imediatistas. A configuração política do País, ao longo da história, foi sendo feita de modo top down. O imperador Dom Pedro II

foi o primeiro a encarnar a autoridade centralizadora. Depois que se implantou a República, o federalismo fragmentou, novamente, tudo que existia no País, e os interesses regionais prevaleceram durante um longo tempo. O governo Getúlio Vargas começou o processo moderno de centralização, em que pese o lado político, as questões ideológicas. A verdade é que foi o governo Getúlio Vargas que começou a integração efetiva do país. De Getúlio pra cá, tivemos algumas iniciativas interessantes. O governo militar tinha uma visão estratégica bastante definida por razões geopolíticas. Quando o regime militar se extinguiu, voltou o fracionamento anterior. É preciso recuperar agora o pensamento estratégico de longo prazo do governo federal. Os estudos que foram feitos recentemente pelo TCU, a partir de 2014, e essa tentativa de se alinhar com a OCDE estão favorecendo esse esforço. Não é viável um país do tamanho do nosso, com 210 milhões de pessoas, não ter uma visão estratégica centralizada e uma definição de futuro do conjunto.

Uma visão estratégica do Brasil como liderança regional enfrenta quais obstáculos? Como enfrentar essas restrições?

O maior obstáculo é a dificuldade de se obter consenso dentro da dinâmica de governo. O primeiro passo é centralizar as diretrizes estratégicas na Presidência da República. Dada a posição geopolítica do Brasil, nós podemos exercer um papel indutor do desenvolvimento e da cooperação na região, mas nós ainda não despertamos para esse viés. Nós ainda não conseguimos ter uma visão de conjunto do continente.

O Plano Plurianual contribui para uma visão estratégica ou não, por quê?

O PPA deve ser o parâmetro objetivo que garantirá a concretude do planejamento estratégico de futuro. A função dele é balizar as metas de médio prazo. Os planos nacionais existentes não têm vinculação com o processo orçamentário. Precisamos recuperar a efetividade dos planos. Para isso, o PPA precisa assumir uma visão integrada, que promova a transversalidade e a integração de projetos setoriais, sob a coordenação da Presidência da República. E a partir daí garantir que o PPA se replique no orçamento e seja integrado ao PPI, articulando os recursos da iniciativa privada.

Qual o papel da SAE na construção dessa visão?

A SAE tem a função institucional de avaliar a conjuntura, levantar as macrotendências de futuro e formular os cenários alternativos a serem submetidos à decisão do governo.

Estamos trabalhando com sete agendas estratégicas aprovadas pelo Presidente da República.

A primeira se refere à tecnologia aeroespacial. Vamos lançar o foguete brasileiro, com satélite brasileiro e colocá-lo em órbita. Ano passado a Argentina lançou o seu primeiro nano satélite e o colocou em órbita com foguete próprio. Nós também temos plenas condições de fazer isso, o que vai possibilitar avanços importantes em diversas políticas públicas sem que o País fique vulnerável a interesses externos.

A segunda agenda estratégica diz respeito à tecnologia nuclear. O Brasil tem o processo mais eficiente de enriquecimento de Urânio. No entanto, ainda não conseguimos industrializar esse processo. A tecnologia nuclear oferece diversas possibilidades de uso pacífico que estamos deixando de aproveitar. Podemos nos tornar, por exemplo, autossuficientes na produção de radiofármacos utilizados no tratamento do câncer; com impacto direto na melhoria da qualidade de vida dos pacientes. O Brasil, hoje, importa cerca de US\$ 19 milhões ao ano em radiofármacos e radioisótopos.

A terceira agenda diz respeito à Calha Norte do Rio Amazonas. A região amazônica historicamente tem recebido pouca atenção dos brasileiros. Precisamos ter uma alternativa à Zona Franca de Manaus, multiplicando o potencial geoeconômico e estratégico de Santarém. Fazer um enlace comercial entre Manaus, Santarém e Belém, viabilizando um mercado regional amazônico.

A quarta agenda se refere à defesa cibernética. Hoje no Brasil nós sofremos, em média, 5 mil ataques cibernéticos por dia. Precisamos estar preparados para lidar com essas ameaças, que tendem a aumentar.

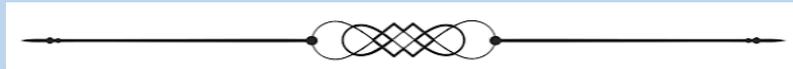
A quinta agenda estratégica é na área de saúde. Precisamos eliminar as moléstias tropicais. Nós sabemos que os laboratórios do hemisfério Norte não investem na extinção dessas doenças, pois elas não afetam grande parte de suas populações. Mas o Brasil tem condições de eliminar a malária, a leishmaniose, a microfilariose e o mal de chagas. Se congregarmos os recursos científicos já existentes e fizermos os investimentos necessários, podemos conseguir. Isso vai beneficiar a população brasileira, especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Além disso, vamos produzir medicamentos que poderão ser transportados para Índia, Paquistão, Malásia, Birmânia, para os países do extremo-oriental que sofrem do mesmo problema.

A sexta agenda diz respeito à mineração, que, no Brasil, segue subutilizada. Nós só estamos com 30% do território nacional mapeado na escala de 1 por 100 mil. Precisamos mapear o restante do território e quebrar as caixas pretas que impedem o aproveitamento do setor. Precisamos criar condições favoráveis para que a iniciativa privada aproveite esse imenso potencial.

E a sétima agenda se refere ao desenvolvimento tecnológico nacional. Precisamos ter um Plano Nacional de Desenvolvimento Tecnológico capaz de abranger todos os ministérios e áreas setoriais. A indústria é fundamental pra manter até a educação tecnológica do povo. É preciso que haja uma massa grande trabalhando na indústria para que se preservem as conquistas tecnológicas e o conhecimento que já foi adquirido. É preciso atacar as raízes do custo Brasil para que a indústria brasileira consiga penetrar nos mercados com mais competitividade.

por Jackson De Toni

Publicado originalmente em: assecor.org.br



Combate de Guaviyu (ou Guabiju), 7 de Abril de 1818

Dr. Jorge Brandão Quinta-Nova, da Delegacia da FAHIMTB em Lisboa, cadeira especial General Carlos Frederico de Lecór

O Combate de Guaviyu teve lugar a 7 de Abril de 1818, junto ao arroio de Guaviyu, a cerca de 50 quilômetros ao norte de Paysandú, Uruguai. Teve lugar no âmbito de uma ofensiva levada a cabo pelo Tenente-General Joaquim Xavier Curado desde finais de março, sobre a costa oriental do Uruguai, que penetrou até Paysandú, onde entrou e arvorou a bandeira portuguesa dois dias após este combate.

<http://dvr18151823.blogspot.pt/2018/04/combate-de-guaviyu-ou-guabiju-7-de.html>



O Combate de Guaviyu teve lugar a 7 de Abril de 1818, junto ao arroio de Guaviyu, a cerca de 50 quilómetros a norte de Paysandú. Teve lugar no âmbito de uma ofensiva levada a cabo pelo tenente general Joaquim Xavier Curado e as suas forças da capitania do Rio Grande, desde finais de Março, sobre a costa oriental do Uruguai, que penetrou até Paysandú, onde entrou e arvorou a bandeira portuguesa no dia 9.

A 6 de Abril, o marechal de campo João de Deus Mena Barreto, coronel do Regimento de Milícias do Rio Pardo, é destacado do exército com 1,030 homens, quase exclusivamente de cavalaria, e 180 infantes da Legião de S. Paulo, correspondendo a um quinto da força (e sem artilharia, uma situação pouco comum), com ordens de atacar uma força que se presumia fosse comandada em pessoa por José Artigas. Artigas esteve de facto em Guaviyu, a 4 de Abril, pelo menos, mas já não estava lá a 7.

A divisão portuguesa perde-se durante a noite tempestuosa de 6 para 7, mas ao recuperar a orientação depara-se com a proximidade da força oriental. Na verdade, era uma vanguarda de Artigas, comandada pelo Capitan Pablo Castro, constituída por entre 400 e 500 homens, incluindo uma peça de calibre 2.

Não há uma informação clara de quanto tempo demorou a ação, mas o comandante português informa que terá sido rápido, o que não é difícil de aceitar tendo em vista a desproporção de forças a favor dos lusitanos.

Nesta fase do conflito, as forças orientais de José Artigas já não tinham a mesma facilidade em recrutar, até porque estavam em guerra também com os centralistas de Buenos Aires. A Banda Oriental continuava a ser pacificada durante o ano, com as forças portuguesas a assumir uma postura de contra-insurgência, com a captura de muitos líderes militares orientais. Juan Antonio Lavalleja, por exemplo, é capturado a 3 de abril, na área.

ORDEM DE BATALHA

Forças da Capitania do Rio Grande de S. Pedro – Comandante: Marechal de Campo João de Deus Mena Barreto

- Regimento de Milícias do Rio Pardo, Cavalaria (regimento todo); Cmt: Tenente-Coronel graduado Francisco Barreto Pereira Pinto;
- 150 efetivos de lanceiros de Entre Rios (Regimento de Voluntários Reais de Entre Rios, tornado regimento à data;
- 1 esquadrão do Regimento de Dragões do Rio Grande; Cmt: Tenente José Luís Mena Barreto;
- 1 esquadrão do Regimento de Milícias de Porto Alegre; Cmt: Capitão graduado Manuel Inácio Salazar;
- 180 efetivos da Infantaria da Legião de Voluntários Reais (São Paulo); Cmt: Sargento-mor graduado Joaquim da Silveira Leite;
- **Total de 1.030 efetivos.**
- Baixas Portuguesas: 1 soldado morto (RMRP), e 2 feridos ligeiros.

Forças da Liga dos Povos Livres (Orientais)

- Comandante: Cap Cav Pablo Castro com 400/500 efetivos e 1 peça de calibre 2;
- Não há referências, nas fontes portuguesas, sobre a estrutura das forças orientais, mas é de se supor que fosse a regular, com predominância de cavalaria e com pouca infantaria;
- Efetivos: Conforme Mena Barreto: “sendo as suas forças seiscentos homens”;
- Conforme a “Notícia”: “400 e tantos homens pertencentes a Divisão de Lavalhega” (Lavalleja);
- Joaquim Xavier Curado refere 500 homens em carta a Lecor;
- Mena Barreto parece exagerar ligeiramente, quando fala de 600, mas parece-me certo que fossem entre 400 a 500, entre tropas e eventuais acompanhantes.
- Baixas Orientais: 266 prisioneiros, incluindo 12 oficiais e 133 mortos (contados no campo de batalha).

Memória do Marechal de Campo João de Deus Mena Barreto, o comandante português da ação (grafia e palavrado da época)

[Puntas del Guaviyú, abril 7 - 8 de 1818.] Ill.m^o e Ex.m^o S.ºr

[6.4.1818, Noite] Eu marchei em consecuencia das determinações de V Ex.a na noite do dia 6 a atacar Artigas, todas suas forças no arroyo Guavejú. O meu destacamento compunha-se de todo o meo Regimento de Melicias do Rio Párdo; cento e cincuenta Lanceiros d Entre Rios; hum Esquadrão de Draçoens; outro de Melicias de Porto Alegre, e cento e oitenta de Infantaria da Legião de S Paulo, que fazia o todo; mil e trinta homens bem capazes de rectificar a gloria de que se tem coberto; a coluna do comando de V Ex.a o meo primeiro passo foi montar a Infanteria para acelerar a minha marcha: eu tinha de caminhar sete a oito legoas que as devia conseguir antes do dia sete; e o projecto hera surprender o inimigo no seo proprio acampamento.



Com estas entençaens eu marchava com todo o silencio, mas a noite se fez tormentoza com groças pancadas d'agoa; acauzionou a perda do práctico que me guiava, e por tal successo mandei fazer alto, tendo já marchado seis legoas sobre o arroio Guavejú, ou suas pontas; nesta posição eu esperava o dia para o acerto do guia, e então descobertamente atacar o inimigo, que não devia estar muito distante,[7.4.1818]; o dia principiáva a zair, e logo accidentalmente me surprenderão os meos espias com a noticia dos insurgentes tão proximos que pude ouvir o seo toque d alvorada, sem que me tivessem percebido.

Com este successo dispús a minha Devisão para o combate; examinei o campo do inimigo, e igualmente no mesmo arroio Guavejú coberto pela sua retaguarda com hum bosque, e grande lago que os tornáva bem fortes para huma Obstinada resistencia, e sem dilonga fiz avançar hum Esquadrão de Melicias do Rio Pardo ás disposiçoens do Capitão Antonio de Medeiros da Costa, asegurarme de huma posição vantajoza que pude Observar e por onde o inimigo se podia retirár quando eu forçasse toda a extensão da sua frente: deposes desta providencia determinei que o Esquadrão de Dragoens seguise a ocupar a frente do inimigo, e chamando o a atenção me desse lugar a introduccão da Infanteria no mato, e por onde atacassem vigorozamente:

Estas tropas marcharão, então adiantei mais hum Esquadrão de Melicias tomando a esquerda de Dragoens, em cuja ponto eu deveria de rouvolver o resto da Cavalaria tendo ja dente mão prevenido a minha reserva, e feito destacar o corpo de Lanceiros para humas alturas bem capaz de perseguir os desbandados:

Nesta Ordem caminhei para o inimigo, e bem perto da nova linha que havia determinado, mandei fazer alto, e conservei-me em Coluna em quanta determinava as ultimas Ordens para o combate:

O inimigo disparou seos tiros de pessa sobre o Esquadrão de Dragoens; toda a sua linha estava formada sobre o bosque que cobria a retaguarda. Nestas circunstancias julguei conveniente não retardar a victoria as armas de S Mag.e e logo então determinei que aos primeiros tiros da nossa Infanteria que tinha entrado no mato pelo flanco direito se carregase o Inimigo tão universal, como intrepidamente.

A Infanteria conseguiu o que me tinha disposto, e detalhado: romper o fogo que os insurgentes não esperavão, e ao seo estrondo desembrulhei toda a Cavalaria, ataquei, e em hum momento tive a gloria de anunciar os vivas a S. Mag.e que forão repetidos ainda com os tenidos das Espadas da nossa Cavalaria, e o fogo vivissimo da Infanteria que aquecendo os inimigos pela retaguarda entregarão-se aos exforçados golpes dos Esquadroens.

O Nome de S. Mag.e retumbava, e por todas as Tropas inda no calor da acção, e a proporção que se repetia com aquele entusiasmo que sempre se observou nos Vassalos do mais querido dos Soberanos do mundo, as nossas forças se multiplicavão, e o inimigo sobre aterra despedaçados formavão o espetaculo mais vivo da nossa fedelidade, e coragem, e o crime de tão indignos contendores, que sendo as suas forças seis centos homens só se escaparão tres de Cavalaria. A destruição total desta vanguarda d'Artigas, ao comando de D Paulo Castro Capitão de Cavalaria deveria certamente, tanto pelo estrondo dos tiros, como pelos vigiadores por-se em fuga aquele Chefe dos insurgentes.

O n.º dos mortos que forão contados no campo do combate chegarão a cento, e trenta e tres, alem de muitos que se virão cahir carregados pelos Lanceiros, e os enfenitos que se lançávão no grande lago conde se affogarão, e aonde lançavão armas, espadas, e seis mil cartuxos com confissão os prizioneiros que sao duzentos e sessenta, e seis, inclusive doze Officiaes e de toda a clase; huma Pessa de Calibre dois; duzentas e trinta e cinco armas; cento e quatorse espadas, cincoenta e duas pistolas, oito caixas de Guerra; hum Clarim; huma Corneta; huma bandeira com emblema de liberdade, seis centos cavalos; e muitas cartoxeiras.

Sou obrigado a fazer justiça geralmente ao valor, bizzarria e constancia dos Offeciaes, e Offeciaes inferiores, e Soldados que formão esta Devizão, devo com tudo recomendar a V Ex.a com especialidade para que apareção na Augusta prezença de S Mag.e; O Tenente Coronel Francisco Barreto Pereira Pinto; o Capitão Bento Manoel Ribeiro; o Tenente Oliverio Joze Ortiz; todos estes do meo Regimento: de Dragoens o bravo Tenente Joze Luis Mena Barreto, e o Alferes Joze Joaquim da Cruz; estes Officeaes merecerão elogios de toda a Tropa e tudo meo dever não omitir nesta ocazião a bravura com que atacam, e aboa ordem com que marcharão os seos Soldados, e por se fazerem muito dignos tenho a satisfação de derigir a V Ex.a a rellação dos Offeciaes e Offeciaes inferiores que mais se distinguirão; com esta são tres vezes que tenho recomendado nos minhas partes d'ataques, e combates o Capitão Bento Manoel Ribeiro, e o Reverendo Capellão Feliciano Joze Rodrigues Prates, e prezente insto a V Ex.a que bem conhece os seos merecimentos para os levar com destinação a prezença de S Mag.e.

Tenho a Gloria de participar a V Ex.a que hum só soldado de Melicias de Porto Alegre perdi [por] hum tiro de mosquete, e que dois do meo Regemento, e hum d' Infanteria forão levemente feridos.

O felis rezultado desta acção com tão piquena perda da nossa parte, he devido a V Ex.a que tão sabia como prudente me tem guiado com instruçoens tão melitares para o dezempenho dos meos mais sagrados deveres, e huma prova incontestavel que o grande Deos Senhor dos Exercitos cobre com a sua mão direita as armas dos Fieis Portuguezes para gloria do mais justo dos Soberanos.

Deos guarde a V Ex.a, Pontas de Guavejú, sete d'Abril de 1818

Ill.mº e Ex.m" S.º; Tenente General Comandante Joaquim Xavier Curado = João de Deos Menna Barreto

Rellacão dos Offeciaes, e Offeciaes Inferiores que cheios de Valor, e constancia se distinguirão na acção do dia sete do Corrente que tive a honra de os comandar e que os recomendo a protecção de V Ex.a:

Regimento de Dragoens, o Tenente Joze Luis Menna Barreto, Alferes Joze Joaquim da Crus, Furriel Vasco Joze Ignacio.

Infantaria de S Paulo, Sargento mor graduado Joaquim da Silveira Leite, Capitão Joze Joaquim de S Anna, Alferes Manoel Soares.

Melicias do Rio Pardo, Tenente Coronel graduado Francisco Barreto Pereira Pinto, Sargento mór graduado Francisco Alves da Cunha, Capitães Bento Manoel Ribeiro, Antonio de Medeiros da Costa, Tenente Oliverio Joze Ortiz. Ditos agregados - Paulo Ribeiro de Souto maior, Joze Cardozo de Souza, Alferes Antonio Pinto d Azambuja, Furriel Bento Joze Bragança, Porte Estandarte Joze Xavier d Azambuja, R.ºº Capelão Feliciano Joze Roiz Prates, este Padre fez as Campanhas de 1811, e de 1812, a de 1817, e continúa na de 1818, tem adestido a batalha de Catalan, combate de Ibirouca, e de guaveju, com valor, he o primeiro que aparece nos fileiras entre o fogo, animando a tropa o mais que he possivel.

Regimento de Porto Alegre - Capitão graduado Manoel Ignacio Salazar, Tenente Demetrio Ribeiro de As, Alferes Jeronimo Joze de Vargas, Furriel Henrique Joze da Silveira.

Acampamento em Guaveju oito d'Abril de 1818

O Marechal João de Deos Menna Barreto



Homenagem ao Barão do Triunfo – Brigadeiro José Joaquim de Andrade Neves

Em 02 Ago passado o CMS fez realizar em Rio Pardo uma homenagem ao ilustre filho da terra, o Brigadeiro Andrade Neves. As homenagens começaram na Praça São Francisco, onde está localizado o monumento do Barão do Triunfo (página seguinte). O necrológio foi lido pelo seu tataraneto Cel José Joaquim de Andrade Neves Pinto. Continuaram as homenagens na Igreja Matriz, onde está localizado o seu mausoléu (idem), e finalizaram no Centro Regional de Cultura de Rio Pardo, onde foram desenvolvidas outras homenagens e foi servido um coquetel aos convidados.

As autoridades presentes foram, entre outras, o Cmt Militar do Sul Gen Ex Geraldo Antonio Miotto e o Prefeito de Rio Pardo Sr. Rafael Barros.



**BARÃO DO TRIUNFO - com grandeza -
José Joaquim de Andrade Neves
- O VANGUARDEIRO -**

Registramos neste ano o sesquicentenário da morte do Barão do Triunfo.

Nasceu ele em Rio Pardo em 22 de Janeiro de 1807, e foi batizado em 16 de fevereiro do mesmo ano. Era filho do primeiro matrimônio do Major José Joaquim de Figueiredo Neves e de Dona Francisca Ermelina de Andrade, filha do Tenente de Dragões Joaquim Tomás de Andrade Siqueira, natural de Lisboa, e de Dona Maria Joaquina de Assunção. O grupo familiar se destacava pela fidelidade e pela união entre os parentes.

Era toda uma família de soldados. O menino José Joaquim ficou órfão com tenra idade.

O futuro Barão do Triunfo casou com Dona Ana Carolina de Andrade Neves, falecida em setembro de 1871. O casal residia em Rio Pardo. O Barão do Triunfo faleceu em Assunção, no Paraguai, no dia 6 de janeiro de 1869.

José Joaquim de Andrade Neves sentou praça como 1º Cadete em 22 de novembro de 1826 no 5º Regimento de Cavalaria de Linha, mas afastou-se das lides militares para ajudar o pai. Na Rio Pardo da época, envolveu-se ele em política, pugnando ao lado dos liberais.



Barão de Triunfo

gimento de Cavalaria de Linha, mas afastou-se das lides militares para ajudar o pai. Na Rio Pardo da época, envolveu-se ele em política, pugnando ao lado dos liberais.

Em 1835, combateu os rebeldes farroupilhas desta Província, tornando-se notável pela intrepidez nos campos de batalha, onde conquistou o posto de Capitão, por atos de bravura, depois dos combates de:

- Capané, em 12 de fevereiro de 1836;
- Passo do Rosário, em 17 de março do mesmo ano;
- Arroio dos Cachorros, em 30 de março; e
- Capela Grande, em 9 de setembro seguinte.

Em junho de 1836, foi convocado para defender a capital, Porto Alegre, do cerco dos farrapos, onde se houve com bravura.

Em 20 de setembro de 1836 foi nomeado Alferes da Guarda Nacional.

No combate da Ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, de tal modo se desempenhou que foi confirmado no posto de Major no próprio campo de batalha.

Salientou-se, extraordinariamente, contra os farroupilhas, nas ações de:

- Rio Pardo, em 10 de janeiro de 1837;
- Fortaleza, em 17 de abril do mesmo ano; e
- Aldeia dos Anjos, em 29 de setembro seguinte.

No combate da Azenha, em 12 de agosto de 1837, foi gravemente ferido.

Em 30 de abril de 1838, tomou parte na Batalha do Barro Vermelho, em Rio Pardo, a maior batalha da Guerra dos Farrapos onde, conforme Deoclécio de Paranhos Antunes, “fez prodígios de heroísmo”, mesmo diante da derrota imperial. Em Conselho de Guerra, justificou plenamente sua conduta no Barro Vermelho.

Continuou a demonstrar a mesma bravura no Passo da Areia, em Porto Alegre, em outubro do mesmo ano. Da mesma forma, no combate do Passo da Aldeia dos Anjos, no rio Gravataí, em dezembro.

Era homem afeito às patrulhas, às sortidas e aos reconhecimentos sobre o adversário. Em 7 de dezembro de 1839 foi elevado ao posto de Tenente-Coronel da Guarda Nacional.

Em 25 de janeiro de 1840, foi-lhe conferido o posto de Major Honorário do Imperial Exército Brasileiro, e, neste mesmo mês, foi ferido no combate de Taquari.

Destacou-se também no Passo do Feijó, em janeiro de 1840. Alguns dias depois, em 29 de janeiro, houve-se muito bem no combate da Sanga das Bananeiras, Viamão.

Em março do mesmo ano, destacou-se contra os farrapos no rio Taquari, lutando diretamente contra as tropas de Bento Gonçalves, o que lhe valeu um elogio do seu superior Tenente-General Manoel Jorge Rodrigues.

Ainda em 1840, vence os rebeldes na região de Encruzilhada, repetindo o mesmo feito em julho frente ao revolucionário Manoel Pedroso.

Em 1841, foi indicado para receber a condecoração da Ordem do Cruzeiro.

Em 7 de setembro de 1841, foi promovido a Tenente-Coronel Honorário.

Em 28 de abril de 1843, já sob as ordens do Barão de Caxias, vence no Passo do Rosário; em 26 de maio, no Poncho Verde, e em 24 de dezembro em Dom Marcos, desempenhando-se de suas missões com o maior brilhantismo.

Em novembro de 1844, na região de Encruzilhada, sua tropa de 200 homens foi cercada por 800 homens de Davi Canabarro, conseguindo resistir e retardar o avanço inimigo, pelo que foi louvado por Caxias.

Terminada a Guerra dos Farrapos, foi promovido ao posto de Tenente-Coronel (efetivo).

Em 2 de junho de 1847 foi nomeado Coronel da Guarda Nacional e, em 21 de janeiro de 1850 assumiu o Comando desta milícia nos Municípios de Rio Pardo e Encruzilhada. Em seguida, voltou à vida civil. No início de 1846 participou da recepção e estadia do Imperador em Rio Pardo.

Mas, o destino lhe reservava novas glórias no campo de batalha.

Abertas as campanhas contra os ditadores argentino Juan Manuel de Rosas e uruguaio Manuel Oribe, Andrade Neves organizou um Corpo de Voluntários da Guarda Nacional em 20 de junho de 1851, e partiu para a luta, sob o comando de Caxias, tomando parte no cerco de Montevideo. Em 28 de agosto de 1851 foi nomeado Comandante da 7ª Brigada, composta pelo 3º Regimento de Cavalaria de Linha.

Recolheu-se ao Rio Grande do Sul e ao meio civil em agosto de 1852.

Por seus serviços prestados à Pátria, foram-lhe conferidas as honras de Brigadeiro Honorário. Neste posto, em 1864, lhe foi determinado formar uma Brigada de Guardas Nacionais, composta do 5º e do 6º Corpos Provisórios, para um possível enfrentamento com o Paraguai. A 5ª Brigada de Andrade



**Brasão de armas do
Barão do Triunfo**

Neves foi incorporada ao Imperial Exército Brasileiro nas margens do Ibicuí, onde permaneceu durante dois meses e 26 dias. Outras missões lhe estavam reservadas no futuro próximo.

A Campanha do Uruguai foi em 1864, quando Andrade Neves foi convocado para formar dois corpos provisórios de guardas nacionais. Com eles, penetrou no território uruguaio, sob as ordens do grande General João Propício Menna Barreto. Vencido o ditador uruguaio Athanásio Cruz Aguirre, Andrade Neves permaneceu em território uruguaio sob as ordens de Osorio.

Dali mesmo seguiu para o Paraguai para combater o ditador Francisco Solano Lopez, recebendo o comando da 5ª Divisão de Cavalaria. Após um período de quatro meses em Rio Pardo, para tratar da saúde, a Pátria o chamou para o Paraguai.

Fez toda a Campanha do Paraguai na vanguarda, com a sua 2ª Divisão, aos sessenta anos de idade, sob as ordens de Caxias e de Osorio, distinguindo-se de modo notável nos combates de Tuiucú, São Solano, Vila do Pilar, Humaitá, Potrero Ovelha, Estabelecimento, Pilar, Tebicuari, Surubi, Angustura, Avaí e Itororó, sendo três vezes ferido sem nunca abandonar a luta.

Quando o Exército Brasileiro se deslocou na direção da Capital do Paraguai a partir de Vileta, em 21 de dezembro de 1868, ao fazer alto diante de Lomas Valentinas, no combate de Mamoré, o Barão

do Triunfo, mais uma vez, foi ferido - um tiro lhe esfaqueou o pé direito.

Em seu leito de dor, o "bravo dos bravos" do Exército Brasileiro - assim denominado oficialmente na Ordem do Dia de 14 de janeiro de 1869 - tinha ímpetos de se levantar para ir ao combate de Lomas Valentinas, que se desenrolava ali perto.

Conquistada Assunção, gravemente ferido, Andrade Neves delira. Instantes antes de morrer ergue-se no leito e comanda: "Mais uma carga, camaradas".

E ali faleceu, em consequência dos graves ferimentos recebidos em combate.

Por Decreto Imperial de 19 de outubro de 1867 foi agraciado com o título de Barão do Triunfo, sendo elevado a Barão - com grandeza - do mesmo título, por Decreto Imperial de 11 de abril de 1868.

Era:

- Grande do Império;
- Dignitário da Imperial Ordem da Rosa, por Carta de 27 de abril de 1846;
- Comendador das Imperiais Ordens do Cruzeiro e de Cristo;
- Oficial da Imperial Ordem de Aviz, e
- condecorado com as Medalhas de Paisandu e da Campanha do Paraguai.

Em 24 de outubro de 1868, foi-lhe concedido o brasão de armas.

"Escudo esquartelado - no primeiro quartel, em campo de azul, um castelo de ouro derrubado; no segundo, em campo de goles, um monte de sinople armado de neve de prata; no terceiro, em campo de goles, um pilar de prata, tendo em chefe doze estrelas do mesmo; e, no último quartel, em campo de azul, duas espadas de ouro postas em aspas" (Registrado no Cartório da Nobresa - Livro VI, fls. 102). O castelo do primeiro quartel representa a tomada de Humaitá; o monte do segundo quartel é alusivo ao Serro de Montevideo; o pilar do terceiro quartel simboliza o combate de Pilar, e as espadas do último quartel são o distintivo da Imperial Cavalaria Brasileira.

Do casal dos Barões com grandeza do Triunfo houve uma grande descendência, de homens e mulheres de forte representatividade no Rio Grande do Sul e no Brasil. Rio Pardo deve se orgulhar de contar com esta ilustre família entre seus conterrâneos.

1 - 1 D. Maria Adelaide de Andrade Neves que casou com o Major Miguel Pereira de Oliveira Meireles, de quem teve os seguintes filhos:

2 - 1 General Eurico de Andrade Neves, já falecido. Foi casado com Dona Elvira Vieira da Costa, de quem teve os filhos seguintes:

3 - 1 José de Andrade Neves, que casou com Dona Ceci Costa;

3 - 2 Carlos de Andrade Neves, Capitão do Exército Brasileiro. Faleceu solteiro na Europa durante a Primeira Guerra Mundial.

3 - 3 Dona Elvira de Andrade Neves, casada com o Capitão-Médico Dr. Bonifácio Antônio Borba, de quem teve os filhos:

4 - 1 Carlos de Andrade Neves Borba;

4 - 2 Paulo de Andrade Neves Borba;

4 - 3 Dona Ione de Andrade Neves Borba;

4 - 4 Fernando de Andrade Neves Borba;

4 - 5 Dona Ieda de Andrade Neves Borba;

4 - 6 Roberto de Andrade Neves Borba;

3 - 4 Eurico de Andrade Neves, Major-Contador do Exército Brasileiro. Casou com Dona Marieta Machado. Sem filhos;

3 - 5 Dona Zelí de Andrade Neves;

3 - 6 Miguel de Andrade Neves, que faleceu menor;

3 - 7 Dona Marieta de Andrade Neves, que faleceu menor;

3 - 8 Dona Adelaide de Andrade Neves, que casou com Vitor Petineli, de quem teve a seguinte filha:

4 - 1 Dona Dirce de Andrade Neves Petineli;

3 - 9 Pedro de Andrade Neves, que faleceu menor;

2 - 2 General José de Andrade Neves Meireles, que casou com Dona Alice Borges da Conceição, filha dos Barões d'Alves da Conceição, de Pelotas. O casal teve os seguintes filhos:

3 - 1 José Meireles, que faleceu solteiro em Rio Pardo;

3 - 2 Dr. Miguel Meireles, Médico. Casou com sua prima Dona Nice de Andrade Neves, de quem teve os seguintes filhos:

4 - 1 José Francisco de Andrade Neves Meireles;

4 - 2 Dona Vera de Andrade Neves Meireles;

3 - 3 Mário Meireles, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais;

2 - 3 Dona Marina Corina de Andrade Neves Meireles, que casou com Higino Siqueira Leitão. Sem descendência.

2 - 4 Dona Ana Rita de Andrade Neves Meireles, que casou com o Dr. Antônio Augusto Carvalho, filho de Manoel Lourenço Carvalho, natural da Bahia, e de Dona Ana Amália Carvalho. O casal teve os seguintes filhos:

3 - 1 Dona Maria Adelaide Carvalho, casada com José da Câmara Sousa, de quem teve os filhos:

4 - 1 Nelson Carvalho Sousa, casado com Dona Enilda Amoreti, de quem teve o filho:

5 - 1 Carlos José Amoreti Sousa.

3 - 2 Dr. Augusto Meireles Carvalho, Diretor Geral do "Serviço de Estatística do Estado do Rio Grande do Sul" e Membro da "Academia Rio-Grandense de Letras". Casou com Dona Ida Azevedo Bastian, filha de Edmundo Henrique Teltcher Bastian e de Dona Generosa Azevedo. O casal teve os filhos:

4 - 1 Edmundo Augusto Bastian Carvalho;

4 - 2 Bruno Augusto Bastian Carvalho;

4 - 3 Paulo Augusto Bastian Carvalho;

4 - 4 Dona Maria Beatriz Bastian Carvalho;

4 - 5 Dona Ilsa Maria Bastian Carvalho;

4 - 6 Dona Vera Maria Bastian Carvalho;

4 - 7 Luís Augusto Bastian Carvalho, faleceu menor;

4 - 8 Luís Augusto Bastian Carvalho;

4 - 9 Fernando Augusto Bastian Carvalho;
 4 - 10 Dona Maria Elena Bastian Carvalho; e
 4 - 11 Dona Ana Maria Bastian Carvalho.
 3 - 3 Dona Ana Amália Carvalho, que casou com o Dr. João Máximo dos Santos Sobrinho, de quem teve os filhos seguintes:

4 - 1 Dona Maria Aparecida Carvalho dos Santos;
 4 - 2 José Antônio Carvalho dos Santos;
 4 - 3 José Carlos Carvalho dos Santos;
 4 - 4 Dona Teresinha Carvalho dos Santos;
 3 - 4 Antônio Carlos Carvalho, que faleceu solteiro;
 3 - 5 Miguel Carlos Carvalho, que faleceu solteiro;
 2 - 5 Miguel Andrade Neves, que faleceu menor.

1 - 2 General José Joaquim de Andrade Neves, que casou duas vezes. A primeira vez com Dona Francisca da Rocha Ramos, natural de Porto Alegre e filha de Joaquim da Rocha Ramos e de Dona Ana Moreira, e em segundas núpcias com Dona Mercedes da Rocha Ramos, sua cunhada e irmã da primeira esposa. Houve os filhos:

Do primeiro matrimônio:

2 - 1 Dr. José Joaquim de Andrade Neves Neto, que foi notável poeta e prosador, orador fluente, autor de "Sonetos de Anthéro", inédito, e de várias outras publicações esparsas na imprensa. Foi casado com Dona Ana Carolina de Andrade Neves, sua prima. Sem filhos.

2 - 2 General Francisco Ramos de Andrade Neves, que casou com Dona Zaida Vilela de Carvalho, filha do Marechal Fernando Setembrino de Carvalho e de Dona Leontina Vilela. O casal teve os filhos seguintes:

3 - 1 Dona Nice de Andrade Neves Meireles, casada com o Dr. Miguel Meireles;
 3 - 2 Dona Dirce de Andrade Neves, que casou com o Major Raimundo Antônio Campos, falecido. O casal teve a filha:

4 - 1 Dona Ione de Andrade Neves Campos;
 3 - 3 Dona Zóra de Andrade Neves;
 2 - 3 Osório de Andrade Neves, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, falecido. Foi casado com Dona Bernardina Ruas, de quem teve os filhos seguintes:
 3 - 1 D. Margarida de Andrade Neves;
 3 - 2 Joaquim Luís de Andrade Neves;
 2 - 4 Joaquim Higino de Andrade Neves, que faleceu solteiro;
 2 - 5 Dona Mercedes de Andrade Neves.

Do segundo matrimônio:

2 - 6 Dona Francisca de Andrade Neves;
 2 - 7 Dona Ana Gira de Andrade Neves;
 2 - 8 Luís Carlos de Andrade Neves, que faleceu solteiro;
 2 - 9 Dona Maria de Andrade Neves;
 2 - 10 Dona Angela de Andrade Neves, casada com Túlio Soares de Araújo, que era natural de Cachoeira do Sul e filho de Pedro Francisco de Araújo e de Dona Joaquina Soares. O casal teve o seguinte filho:

3 - 1 Luís Carlos de Andrade Neves Araújo.

2 - 11 Dona Rita de Andrade Neves;
 1 - 3 Coronel Carlos Luís de Andrade Neves, casado com Dona Ana Sion, natural do Paraguai. O casal teve os filhos seguintes:

2 - 1 Dona Ana Carolina de Andrade Neves, casada com seu primo Dr. José Joaquim de Andrade Neves.
 2 - 2 Capitão Manoel Carlos de Andrade Neves, que casou duas vezes. A primeira vez com Dona Maria das Mercês Fernandes Barbosa, e em segundas núpcias com D. Amanda Vasques. Teve os seguintes filhos:

Do primeiro matrimônio:

3 - 1 Antonio Carlos de Andrade Neves, que faleceu solteiro.
 3 - 2 Valdemar de Andrade Neves, que faleceu solteiro;
 3 - 3 Ari de Andrade Neves, que faleceu solteiro.
 2 - 3 Dr. Carlos Luís de Andrade Neves, Professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Casou com Dona Consuelo de Andrade Neves, de quem teve os filhos:
 3 - 1 Aluisio de Andrade Neves, que faleceu solteiro;
 3 - 2 Dona Bernardete de Andrade Neves.

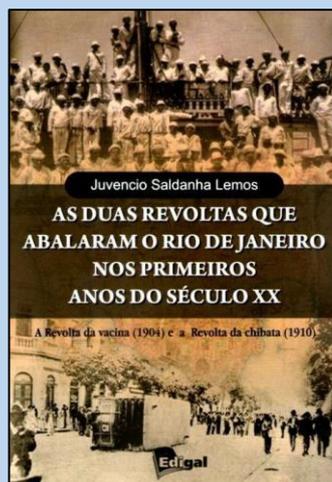
Fontes principais:

- Antunes, Deoclécio de Paranhos, Coronel. Andrade Neves - O Vanguardeiro. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2008, 2 ed.
- Barão de Vasconcelos - "Archivo Nobiliarchico Brasileiro", pag. 615
- Visconde de Sanches de Baena - "Archivo Heráldico-Genealógico", pag. CCXVII, N° 78.
- Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo — "José Joaquim de Andrade Neves".
- Almanaque Ferreira Rodrigues - 1894, pag. 3; 1901, pag. 147; 1906, pag. 133.
- Almanaque do Ministério da Guerra.
- Arquivo Particular da Família Andrade Neves.
- Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: Inventário: Baronesa do Triunfo; Inventariante: Rodrigo José de Figueiredo Neves.
- Cartório do Cível de Rio Pardo: Ano: 1869 a 1872 - N° do feito: 182 - Maço: 4 - Estante: 49.

[Compilado pelo Coronel Luiz Ernani Caminha Giorgis a partir da obra Nobiliário Sul-Riograndense, de Mário Teixeira de Carvalho (Porto Alegre: Gráfica Renascença, Edigal, 2011)]



Lançamento de livro



Em 31 de julho passado, no térreo do Museu Militar do CMS, o Acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos lançou o seu mais recente livro “As duas revoltas que abalaram o Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX” (capa ao lado). O livro pode ser adquirido na Livraria Martins Livreiro, Rua Riachuelo, nº 1300, fones: 3226-7779 e 3028-1133, Centro Histórico de Porto Alegre.

Informação aos integrantes

Na arrecadação deste ano, foi totalizada a quantia de 3.000 reais. Esperamos que, se ninguém mais contribuir, esse valor seja suficiente para as despesas até julho de 2020. A despesa maior é a manutenção do site www.acadhistoria.com.br, que está à disposição de todos. O pessoal do interior está dispensado da anuidade porque estão, via de regra, vinculados a uma das delegacias. Seguindo orientação do Cel Bento, informo que, aqueles que deliberadamente optam por não contribuir, podem solicitar a sua exclusão do quadro-social. 27 integrantes deixaram, até agora, de contribuir. Abraços a todos. Caminha.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".